

# O FEMININO E O MÍSTICO COMO IDENTIDADE DA GUINÉ-BISSAU NA POÉTICA DE ODETE SEMEDO “NO FUNDO DO CANTO”

Antônia Valdilene Rocha de Souza<sup>1</sup>

Alexandre António Timbane<sup>2</sup>

**Resumo:** As literaturas africanas de língua portuguesa foram afetadas substancialmente com fatores oriundos da colonização, como a dificuldade com a escolarização regular e com as dissensões sobre o uso das línguas maternas. Além disso, fatores ligados a própria dinâmica dos diversos grupos étnicos trouxeram a expressão da oralidade (*oratura*) como preponderante, inclusive, repercutiu com traços marcantes na escrita literária, principalmente na poética. Contudo, o lugar da mulher na cultura e nas tradições africanas foi afetado sobremaneira, especialmente dos povos bantu, tem sido um desafio, uma vez que por um lado tem-se a ancestralidade que se manifesta pela cultura e por outro a modernidade trazida pelo ocidente por meio da colonização ou da interação com outros povos, em que dissemina-se muito dos preconceitos ligados ao feminino. Esta pesquisa tem como objeto o estudo do livro “No Fundo do Canto”, com a finalidade de analisar o feminino e o místico como identidade cultural da Guiné-Bissau na obra supracitada, da autora guineense, Odete Semedo. A problemática desta pesquisa deu-se em face da observação que há uma escassez de produção científica acerca da Guiné-Bissau na literatura, sobretudo com enfoque para o feminino, e o feminino místico na identidade cultural desse país. Das poucas pesquisas que se propuseram a escrever e trazer o feminino se destaca: Eunice Borges com alguns poemas em “Antologia poéticas da Guiné-Bissau” em 1990, dentre eles, a obra “Mulher da minha terra”, Domingas Samy com a produção de “Contos” em 1993, e Odete Semedo na sua tese sobre as *Mandjuandadi*. Assim, a pesquisa justifica-se por sua importante contribuição para os estudos do feminino ligado ao místico na identidade cultural da Guiné-Bissau, e também da língua crioula como representação dessa identidade. Além de possibilidades para educação. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com objetivo descritivo-exploratório e procedimento documental. Quanto aos procedimentos metodológicos identificou-se trechos de nove poemas da obra “No Fundo do Canto” que remetem ao feminino e ao místico como marcas da identidade da Guiné-Bissau através dos significados construídos por meio da língua crioula. E por fim, o corpus foi analisado à luz dos teóricos do porte de Augel (2005), Hall (2006), Semedo (2011), Bâ (1982), Cá e Timbane (2021) e Manuel e Timbane (2018) sobre a língua, entre outros. Assim, identifica-se a presença feminina principalmente atrelada ao místico, de forma a remeter o poder feminino como propiciador de mudanças como também demonstrar características culturais da Guiné-Bissau, em que tem a língua como meio para formações léxico-semânticas que remetem as culturas do país por meio do feminino.

**Palavras-chave:** Feminino. Místico. Língua. Identidade. Guiné-Bissau.

**Abstract:** Portuguese-speaking African literatures were substantially affected by factors arising from colonization, such as the difficulty with regular schooling and dissension over the use of mother tongues. In addition, factors linked to the dynamics of the various ethnic groups brought the expression of orality (*oratura*) as preponderant, including, it had repercussions with striking traits in literary writing, especially in poetics. However, the place of women in African culture and traditions has been greatly

---

<sup>1</sup> Mestranda pelo Mestrado Interdisciplinar em História e Letras da Universidade Estadual do Ceará- MIHL-UECE. Possui graduação em Letras-Português pela Universidade Estadual do Ceará, Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, Especialização em Metodologia do Ensino de História pela Universidade Estadual do Ceará. Integrou o Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso Crítica: representações, ideologias e letramentos (UECE/CNPq). Concluiu Curso de especialização em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa (2022) pela Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

<sup>2</sup> Doutor em Linguística e Língua Portuguesa (2013) pela UNESP-Brasil, Mestre em Linguística e Literatura moçambicana (2009) pela Universidade Eduardo Mondlane-Moçambique. É professor Permanente da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Instituto de Humanidades e Letras, Campus dos Malês, Bahia. Tem experiência no ensino e na pesquisa na área de Sociolinguística e Dialetolegia com enfoque na variação e mudança lexical do Português (Estudos do Léxico), Contato linguístico e Línguas Bantu. Membro do Grupo de Pesquisa África-Brasil: produção de conhecimento, sociedade civil, desenvolvimento e Cidadania Global.

affected, especially by the Bantu peoples, has been a challenge, since on the one hand there is the ancestry that is manifested by culture and on the other the modernity brought by the West. through colonization or interaction with other peoples, in which much of the prejudices related to the feminine are disseminated. This research has as its object the study of the book “No Fundo do Canto”, with the purpose of analyzing the feminine and the mystical as a cultural identity of Guinea-Bissau in the aforementioned work, by the Guinean author, Odete Semedo. The problem of this research was due to the observation that there is a scarcity of scientific production about Guinea - Bissau in the literature, especially with a focus on the feminine, and the mystical feminine in the cultural identity of that country. Of the few researches that proposed to write and bring the feminine stands out: Eunice Borges with some poems in “Antologia poéticas da Guiné-Bissau” in 1990, among them, the work “Mulher da minha terra”, Domingas Samy with the production of “Contos” in 1993, and Odete Semedo in her thesis on the Mandjuandadi. Thus, the research is justified by its important contribution to the studies of the feminine linked to the mystic in the cultural identity of Guinea-Bissau, and also of the creole language as a representation of this identity. In addition to possibilities for education. It is a qualitative approach research, with a descriptive-exploratory objective and documental procedure. As for the methodological procedures, excerpts from nine poems from the work “No Fundo do Canto” were identified, which refer to the feminine and the mystical as marks of the identity of Guinea-Bissau through the meanings constructed through the creole language. Finally, the corpus was analyzed in the light of theorists such as Augel (2005), Hall (2006), Semedo (2011), Bâ (1982), Cá and Timbane (2021) and Manuel and Timbane (2018) on the language, among others. Thus, the female presence is identified, mainly linked to the mystic, in order to refer to female power as a promoter of changes as well as to demonstrate cultural characteristics of Guinea-Bissau, in which language is used as a means for lexical-semantic formations that refer to cultures. of the country through the feminine.

**Keywords:** Feminine. Mystic. Tongue. Identity. Guinea Bissau.

## Introdução

A África é um continente, muitas vezes, confundido como um país, disseminado entre os ocidentais como homogêneo. Porém, muitas mudanças vêm ocorrendo com o objetivo de desconstruir essa “versão” propagada pelos imperialistas. As pesquisas, por exemplo, têm esse papel de mostrar a versão dos africanos e africanas, em seus diversos países. A África foi fatiada, explorada e colonizada pelos europeus, e entendamos aqui no sentido estrito e metafórico, de cortar, sangrar, provocar dores, dividir grupos e humilhar. É nítido que a escravização tinha a ideia de humilhar e transformar o ser humano em animal de trabalho, e em mercadoria.

O colonialismo teve o desejo profundo de apagamento das culturas africanas como estratégias para dominação. Esse processo colonial se estabeleceu desde o século XV. Uma tentativa de esvaziamento de sentido foi aplicada em todas as áreas. De acordo com a pesquisadora brasileira Augel (2005), a identidade do colonizado foi completamente negada, dita como inferior. Significa que os africanos não tinham História, civilização, línguas, cultura nem tradições e precisavam (na ideia do colonizador) de ser civilizados.

Sobre o país origem da obra que é investigada nessa pesquisa, trata-se da Guiné-Bissau, oficialmente conhecida como a República da Guiné-Bissau, é um país da África Ocidental que faz fronteira com o Senegal ao norte, Guiné ao sul e ao leste e com o Oceano Atlântico a oeste. O território guineense abrange 36125 km<sup>2</sup>, com uma população estimada de 1,6 milhão de

peças. É um país composto por povos do grupo bantu, com várias etnias, práticas culturais e línguas. O português é língua oficial, falada por 27,1% da população como língua materna, segundo Cá e Timbane (2021), sendo as línguas fula (28,5%), balanta (22,5%), mandinga (14,7%) e papel (9,1%) como as que são mais faladas como línguas maternas. O *kriol* (o guineense) é uma língua franca, de interação entre os diversos grupos étnicos (MANUEL, TIMBANE, 2018).

Escrever e ler é para poucos na Guiné-Bissau, pois os dados do Instituto Nacional de Estatística apontam para 43,7% dos bissau-guineenses que nunca frequentou a escola (CA, TIMBANE, 2021). O povo é de tradição oral e a escrita é recente e chegou com a LP e a colonização. A literatura também é recente e iniciou durante a luta de libertação e hoje procura ocupar o seu espaço no âmbito internacional. A escrita feminina e sobre o feminino é rara, e isso provoca consequências negativas para a inserção da mulher de forma justa na sociedade guineense.

A escritora Odete Semedo é bissau-guineense, política, professora universitária, pesquisadora, e sobretudo uma das principais escritoras que insere o feminino em lugar de poder. De acordo com Semedo (2010), a oratura (a expressão da oralidade) é uma das marcas das tradições bissau-guineense, ressalta ainda as dificuldades que tivera ao investigar as “cantigas de dito”, as *mandjuandadi*, através de documentos escritos. Além disso, ressalta os materiais recebidos de Augel, como a “Literatura dos negros: contos, cantigas e parábolas”.

Semedo (2010) escreveu a tese “As mandjuandadi- Cantigas de Mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à literatura” em que apresenta o feminino a partir das “cantigas de dito”. Essas cantigas expressam a cultura local através da coletividade de mulheres que exprimem o amor, a dor, a felicidade, etc. Pesquisadores do porte de Leite (2014) com a tese de doutoramento “A literatura Guineense: contribuição para a identidade da nação”, também destaca as dificuldades de se escrever sobre a literatura local, devido à escassez de fontes escritas. Além disso, pôde se observar a escassez de mulheres na literatura: as primeiras escritoras são, Eunice Borges, Domingas Samy e Odete Semedo e com temáticas que evidenciam o feminino.

Então diante dessas lacunas indaga-se sobre como o feminino atrelado ao místico trazem a identidade cultural da Guiné-Bissau na obra “No Fundo do Canto”? Qual o papel da língua crioula enquanto representação da cultura de Guiné-Bissau na expressão das atuações femininas e místicas? Em um livro com memórias de guerra, que é o caso de “No Fundo do Canto” é possível encontrar outras nuances da identidade e/ou identidades locais a partir do feminino e do místico. Há marcas das divindades nesses poemas que podem mostrar formas culturais que remetem aos guineenses. Além de trazer o papel das *mandjuandadi* como

importantíssimas como representantes das práticas culturais as quais trazem a identidade do país, assim, entrelaçando ritos e história. Uma segunda hipótese é a de que a língua crioula possibilita a formação de sentido a partir do seu léxico, da identidade cultural do país a partir do feminino como atuante das práticas culturais e do poder místico.

Assim tem-se como objetivo geral: investigar como o feminino atrelado ao místico trazem a identidade cultural da Guiné-Bissau na obra “No Fundo do Canto”. E como objetivos específicos: (i) refletir sobre o papel da língua crioula na representação da cultura da Guiné-Bissau a partir das atuações femininas e místicas; (ii) explicar o papel do feminino e do místico na atuação das práticas de identidade cultural da Guiné -Bissau.

De acordo com Couto e Embaló (2010, p.60) “Falar em literatura guineense é um tanto “complicado” porque “a literatura em crioulo, consta de narrativas orais tradicionais (storias), provérbios, adivinhas e outras manifestações da oratura ou oralitura.” Assim, esta pesquisa justifica-se pela possibilidade de apresentar outras nuances da obra “No Fundo do Canto”, de mostrar que além da guerra civil que se conta em sua poética, existe um “Canto” em que a identidade, a cultura se expressam e lutam para não ser apagadas, com enfoque a partir do feminino, e isso não foi objeto de estudo até então. Assim, possibilita outras pesquisas nesse itinerário. Sobretudo, perceber os marcadores discursivos no que concerne ao feminino e ao místico na linguagem traçada por Semedo, e assim lançar um olhar mais específico para as práticas culturais operacionalizadas por mulheres na Guiné-Bissau. Além de contribuir para a resistência das culturas perante as práticas da colonialidade, e de domínio imperialista. Como também servir de material para estudo e reflexão na educação escolar.

Tem-se, portanto, o intuito de disseminar essas ideias, essa análise da obra a partir desse olhar em que o feminino é atuante ao mesmo tempo em que mescla nesse espaço, o místico que compõem aspectos culturais da Guiné-Bissau. Para realizar essa pesquisa foi necessário traçar um caminho metodológico, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo- exploratório e de procedimento documental.

O corpus que compõe essa pesquisa trata-se de trechos de nove poemas da obra “No Fundo do Canto” que remetem ao feminino e ao místico (sobrenatural), numa análise a partir da teoria Pós-colonial ligada aos Estudos Culturais, e da Sociolinguística, com análises a partir das categorias de identidade, língua e cultura. Para isso, dialoga-se com Hall (2006), acerca de identidade, com Augel (2005) sobre cultura e identidade, Semedo (2011) acerca do feminino, Hampatê- Bâ (1982) sobre o místico como tradição, e sobre a língua com Cá e Timbane (2018; 2021) e Manuel (2018).

O artigo divide-se em quatro partes: a primeira seção apresenta sobre Odete Semedo e a obra “No Fundo do Canto”, oferecendo ideias-base para a compreensão das análises.

Seguidamente, discute-se os conceitos de língua e de identidade em contexto bissau-guineense compreendendo o contexto sociolinguístico do país. Depois, o artigo debate sobre o feminino e o místico que é recorrente nas obras da literatura feminina de Odete Semedo. Em seguida, apresenta-se a metodologia e as análises da obra em destaque. O texto termina apresentando a conclusão e as referências utilizadas.

## **1 Odete Semedo e a obra “No fundo do canto”**

Odete Semedo nasceu na Guiné Bissau em 1959, em clima de libertação do seu país, passou por momentos relacionados a guerras civis e guerrilhas. Para ela, a intensificação de elementos culturais e práticas culturais que fomenta o sentimento de pertencimento é prioritário, sobretudo, no que concerne a língua, do entendimento de que a língua operacionaliza o poder, e representa culturas. Desse modo, a escrita dessa autora é permeada por elementos que remetem a cultura e a identidade do seu povo. Odete Semedo foi Ministra da Educação Nacional e Presidente da Comissão Nacional para a UNESCO.

Entre suas obras publicadas elenca-se “Entre o Ser e o Amar (poesia) Sobre histórias passadas que ouvi contar” (contos), “Djenia Histórias que ouvi contar II”. “No Fundo do Canto” (poesia), na sua tese de doutorado debruçou-se sobre a história das *mandjuandadi* e as canções de dito. Nas suas obras ela trata da História, culturas, sociedade, como também do feminino atuante nas práticas culturais da Guiné-Bissau.

Acerca da obra a qual analisa-se, “No Fundo do Canto”, é uma obra composta por 88 poemas, dos quais analisou-se nove. Essa obra trata da guerra civil ocorrida na Guiné-Bissau, de junho de 1998 a maio de 1999, inclusive, há o número exato de dias descrito nessa obra. Odete Semedo, vivenciou esse momento, e transformou *Oratura* em literatura com características das canções de dito, as quais, tradicionalmente, eram criadas pelas mulheres que transformavam o cotidiano em canto, acompanhada aos sons das palmas.

Odete expõe na obra elementos do léxico da língua crioula (o guineense), que apresentam realidades próprias do país, e nesse contexto, as mulheres assumem junto com as divindades femininas lugares de poder, no sentido de serem incumbidas de realizações importantes para o país. A obra, tal como veremos nas análises, liga a literatura das tradições culturais revelando o lugar na mulher na identidade sociocultural e linguística bissau-guineense. Na próxima seção apresenta-se e discute-se os conceitos teóricos que fundamentam essa pesquisa.

## **2 língua e identidade**

## 2.1 A língua: o espelho da identidade cultural

Conforme Namone e Timbane (2018) a língua para os africanos não é entendida da mesma maneira que os ocidentais, pois, existem características muito peculiares a história dos países africanos, e isso recai sobre a língua. A língua é expressão da cultura e das identidades. É composta por códigos que permitem a intercompreensão entre os membros de uma comunidade linguística. A língua foi inventada para ser falada. Por isso a escrita é recente e chegou com modernidade.

Para o povo da Guiné-Bissau as línguas africanas são as mais importantes porque é com elas que se educa as novas gerações e se ensina das regras de ser e de estar em sociedade. Manuel e Timbane (2018) explicam como surgiu o *kriol* (crioulo guineense) e mostram como ela é fundamental para a comunicação entre etnias diferentes. Amilcar Cabral, grande líder político da Guiné-Bissau e de Cabo Verde, elevou a importância do *kriol* desde a luta contra o colonialismo, fazendo que esta fosse língua de luta contra o poder colonial.

A língua portuguesa é a língua oficial da Guiné-Bissau, embora não tendo citado na Constituição, exerce funções principais na educação, no funcionalismo público e na burocracia. Para entender melhor esses processos de formação da língua guineense, entendamos com Intipe e Timbane (2019):

[...] a palavra Kriol para designar a língua africana surgida durante o processo de colonização na Guiné- Bissau, língua essa que se formou a partir de base lexical portuguesa e base gramatical das diversas línguas africanas. O processo de empréstimos lexicais é normal em todas as línguas e é interessante compreender que o Kriol é uma língua natural, completa, com uma estrutura gramatical própria e, claro, diferente do português. [...] (INTIPE;TIMBANE.2019, p.1)

Portanto, depreende-se que a língua sofre mudanças e adaptações de acordo com as práticas sociais. Percebe-se bem isso quando se observa que a dinâmica da História da Guiné-Bissau que reflete na língua expressa-se melhor no *kriol*. A melhor forma de expressão é feita em *kriol* (guineense) e o português fica para situações mais formais da comunicação. Sabe-se que o português da Guiné-Bissau é diferente do português de Portugal. O estudo de Cá e Timbane (2021), ilustra isso revelando as particularidades da variedade local cheia de empréstimos léxico-semânticos e fonológicos vindos do guineense e das línguas bantu bissau-guineense (CA, TIMBANE, 2021).

Semedo (2011) tece uma crítica acerca da língua lusitana, a qual ela afirma, que esta não é representativa das culturas da Guiné-Bissau, pois não tem o estilo, a sintaxe própria de como um guineense cria a sua cultura. A autora, na obra “ Entre o ser e o amar”, indaga, por

meio do “Eu”-lírico sobre como apresentaria o amor à maneira de seu país, do seu grupo étnico em uma língua de origem estrangeira, e que não os representa. Questiona "Como falar dos velhos? Das passadas antigas?", e de que forma irá transmitir esse legado se for a partir de uma realidade linguística que não seja a sua. Ao final, a autora responde categoricamente que a maneira de resistir será colocando as culturas de Guiné-Bissau a partir do crioulo, que os modos de existência próprio serão narrados a partir de suas raízes.

Desse modo, Semedo traz reflexões importantíssimas acerca de determinados fenômenos, e situações próprias do país que não poderia ser escrito em português, porque não comporia o real sentido das práticas locais de determinados grupos étnicos. Isso mostra que a língua é cultura e vice-versa em que há manifestações das práticas socioculturais intraduzíveis.

Observem que, a história, da Guiné-Bissau se relaciona com o processo de invasão portuguesa, do processo de colonização, dos movimentos internos de migração, das trocas culturais, e sobretudo, da tentativa de manter vivas as tradições, como meio de não serem dominados, sucumbidos; e língua é poder, é dominação, conforme afirma o grupo de colonialidade/modernidade, que se formou no final dos anos de 1990, a partir de intelectuais da América-Latina. Os quais trazem o conceito de **colonialidade**, o qual significa, que mesmo após independências, os países africanos sofrem com o domínio europeu em toda a estrutura, dentre elas, o campo do saber, conforme define Maldonado-Torres (2007), e da operacionalização desse poder através da língua. A proibição do uso das línguas autóctones e a oficialização do português reforça essa colonização permanente que ainda continua em contextos dos países africanos de língua portuguesa.

Santos (2019, p.119) afirma que “Os textos assumem um papel de destaque para a investigação linguística, mas, especificamente, a localizada entre linguagem e sociedade, tendo em vista sua influência e abrangência nas relações humanas [...]”. Desse modo, os textos, a sua formulação, permitem que significações sejam criadas, e com isso, as culturas locais podem ser modificadas. O léxico da língua oficial de determinado país pode não abarcar as especificidades locais, e assim, criar outras maneiras de ser, não é à toa que as primeiras formas de dominação que se deram nos países colonizados foram com a imposição da língua do colonizador. O léxico carrega significados que por vezes são intransponíveis e seria por essa razão que Semedo mantém as palavras originais das línguas *bantu* ou do *kriol* em textos escritos em português. Essas discussões trazem pontos cruciais para pensar a necessidade, importância e também a configuração que tomou o *Kriol*, na Guiné-Bissau, de como se reveste na identidade cultural e de como se processa, na identificação do feminino e de sua atuação nesse meio.

E uma das marcas culturais na escrita desse país, como em outros de África, é a oralidade, as tradições, e os modos como isso repercutiu na escrita literária. A forma da escrita

leva essas marcas. Destaca-se os postulados de Hampâté- Bâ em “Tradição Viva”, quando expõe a forma como os valores, as crenças, os saberes, são oriundos da oralidade, dentro de um sistema de regras e validade. Essa característica permeia toda a vida em sociedade desde que a criança nasce até à idade adulta.

Compreende-se com Semedo (2011) o conceito de oratura como: [...] “Assim, equacionando as fontes sobre esse assunto, optamos por usar o termo oratura, para designar todos os textos da tradição oral, recolhidos e fixados pela escrita[...] (SEMEDO, 2011 p.60). Os modos como se expressa a cultura a partir da oralidade de mulheres na obra “No Fundo do Canto”, e o poder da palavra, elas trazem, e como se constrói esse texto poético envolvendo o *kriol* e o português, e as formas de significações expressa por ele. Para entendermos sobre como a língua e a identidade são interligadas, na subseção seguinte discute-se acerca do conceito de identidade.

## **2.2 Identidade sociocultural de um povo**

Hall (2006) delinea o sentido de identidade no que ele concebe como pós-modernidade a partir do final do século XX. Ele afirma que há a identidade a partir de um sujeito iluminista, normalmente já constituído, dotado de razão, e de que se trata de um sujeito masculino, e da ideia desse sujeito como indivíduo. Do ponto de vista sociológico, Hall aponta uma identidade que se estabelece no contato com o coletivo, e de uma maneira mais estável. Já a identidade na pós-modernidade trata-se de um sujeito numa sociedade globalizada, de mudanças rápidas, e que nesse contexto coexistem várias identidades e elas são fluídas.

Hall, postula sobre a questão da industrialização ter requerido uma ideia de identidade homogênea. O autor traz a reflexão crítica de como as culturas em sua diversidade étnica e religiosa foram transformadas na era moderna como dependentes de um estado-nação com objetivo de formar uma identidade nacional, assim negando as especificidades coexistentes. Normatiza-se uma única língua, e articula-se uma unidade nacional. A partir disso, ele expressa, que os tempos atuais, do advento da internet, das tecnologias aplicadas ao mundo digital, influenciam significativamente na aproximação cultural com outros países e, portanto, dificultam a ideia de manter uma unidade nacional. A partir dessas discussões, reflete-se sobre o contexto africano, de lutas para manter a diversidade, e dessa pluralidade coexistir nas narrativas a partir de seus espaços múltiplos, que sofrem com a ideia de homogeneização para preservar a cultura nacional, e também com as consequências da globalização. E diante disso, as práticas em torno da sustentação das identidades culturais do país se tornam necessárias.

De acordo com Santos e Timbane (2020, p.43), a identidade é “o conjunto de significações que são atribuídas pelo sujeito através da sua experiência diante de situações que se inscrevem em sua vida, já que se faz necessário no processo identitário a coesão entre meio/sujeito, passado/presente, entre o “Eu” e o “Outro”. Não existe uma só identidade. Cada sociedade apresenta identidades mais coletivas e outras individuais. A identidade deve ser afirmada ou reafirmada. Não se pode descartar a memória, como elemento fundamental para a manutenção da identidade. Analisando sobre “o vaivém das memórias em **olhos d’água**” de Conceição Evaristo, Silva e Conte afirmam que:

A memória desencadeia não apenas as recordações de um passado histórico, contudo, recupera uma lembrança que contribui para uma construção feminina identitária negra, envolvida em subalternidade, que deixa o silêncio para dar lugar a uma voz significativa. Compreende-se que a memória é mesclada por lembranças de cada ser; entretanto, decorrida pelos pensamentos de um grupo (SILVA, CONTE, 2019, p.427).

Durando (1993), não atribui importância a experiência dos sujeitos, ele percebe o pertencimento étnico de forma homogênea, ele atribui a identificação dos grupos ao que um sistema cultural de determinado sistema econômico constrói, calcado por meio da língua comum, no que é problematizado por Jacob May (2016, [1998]) na obra “Identidade Língua e Etnia”, “existe língua comum”. Esse teórico entende a língua de forma abrangente, envolvendo as apropriações, por exemplo, que envolve os dialetos, assim, dos modos como a língua idioma é apropriada por diversos grupos. Importante essa ampliação de Jacob May, para pensar as significações próprias de determinadas línguas, ou em um sentido mais amplo, dos sentidos e formulações produzidos os quais criam identidades. E isso corrobora as ideias de Hall, quando explicita os mecanismos pelos quais se formam as culturas e as identidades:

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso- um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (Veja Penguin Dictionary of Sociology: verbete “discourse”). As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “ a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. [...]. (HALL, p.50-1, destaque do autor).

Diante do exposto reflete-se com Manuel Ferreira (1992) em “A aventura moderna do português em África” como a língua cria sentidos para as culturas nacionais, e por isso, torna-se um instrumento de poder, de disputa. O autor expõe que os bissauenses percebiam o idioma português como dominação, e que os colonizadores viam as línguas maternas com bastante

reservas, “[...] quer as de origem bantu, quer as de origem islâmica, quer os crioulos de base portuguesa, nunca foram vistas com bons olhos pelo colonizador...” (FERREIRA, 1992, p.140). Sendo assim, os colonizadores não possibilitaram o ensino a partir dessas línguas locais, todo material escolar era produzido na língua do colonizador.

Esse contexto de possibilidades do aprendizado da língua, e se o uso da língua local ou a do colonizador, somado a tradição da oratura repercutem sobremaneira na literatura da Guiné-Bissau, inclusive, os escritos literários vieram após a escolarização. Deus e Carvalho (2021) afirmam que, a primeira escola oficial surgiu em Bolama e somente em 1933, um outro fator que eles consideram relevante para não escolarização foi a lei do “Indigenato”, de 1954, que impedia os nativos de frequentar a escola. Segundo os autores supracitados, atualmente o português é a língua oficial, contudo, utilizada para o ensino e administração.

Todavia, o crioulo guineense é a língua mais falada, coexistindo com várias línguas orais representativas das várias etnias. Indica ainda que há autores que escrevem somente em crioulo, e outras optam por escrever nas duas línguas, entretanto, ressalta que, não é um português lusitano e sim com os modos africanos.

Assim, entende-se que a língua e a identidade estão intimamente interligadas, que, portanto, a luta pela inserção do lugar da língua local nos escritos, e na forma de comunicação oral tem sido fatores importantíssimos para que a colonialidade não ganhe espaço, ou seja, o poder colonial que ainda impera mesmo após a independência política, e que tem a língua como instrumento de dominação. A tentativa de manter as pertencas dos diversos grupos que compõem Bissau, assim como manter uma diversidade linguística que comporte outras realidades de outros grupos étnicos denota resistência. A partir das discussões teóricas em torno da língua e da identidade cultural compreende-se o modo pelo qual através da língua configura-se identidade do feminino, no caso dessa pesquisa, de que forma tomam espaço e erigem-se a partir de práticas culturais representativas da Guiné-Bissau através da escrita literária.

### **3 O feminino e o místico**

#### **3.1 O Místico**

Pensar o místico na Guiné-Bissau é pensar as formas culturais dos diversos grupos em lidar com o sobrenatural, e isso se estabelece a partir da tradição oral, as quais Semedo caracteriza como a tradição oral entrelaçada ao místico conforme pode-se observar: “Pode-se dizer que a tradição oral conjuga o material e o espiritual, o esotérico e o exotérico” (SEMEDO, 2011 p.57)

O sentido de místico aqui introduzido revela uma maneira própria das culturas africanas lidar com as forças sobrenaturais, de forma que produza efeitos, e assim, percebe-se que o místico é intrínseco a palavra, a oralidade. Bâ afirma que “A tradição africana, portanto, concebe a fala como um dom de Deus. Ela é ao mesmo tempo divina no descendente e sagrada no sentido ascendente” (Bâ,1982, p.172).

O autor postula o significado de magia compreendido como operacionalizadora de mudanças, de acordo com o que é direcionado, destoando, portanto, do que os ocidentais concebem acerca da magia, caracterizando-a como algo do mal. Assim, a partir de Bâ entende-se ao contrário, de como o elemento místico na poética em “No Fundo do Canto”, é capaz de traduzir poder e de mudar as situações ruins. Tem-se por exemplo, como nessa obra é evocado elementos místicos, de várias linhagens que se configura em símbolos de animais e da ligação com a natureza.

Essa palavra que tem o poder de ler, de mudar o futuro, são evocadas por alguns seres femininos nessa obra, embora alguns dos espíritos, ou almas evocadas, não sejam todos femininos. Há alguns espíritos específicos que serão detalhados na próxima seção. Compreende-se com Bâ sobre o poder que as palavras proferidas têm no poder de criação, e o seu caráter sagrado:

Nas tradições africanas- pelo menos nas que conheço e que dizem respeito a toda a região de savana ao sul do Saara-, a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nelas depositadas. Agente mágico por excelência, grande vetor de forças etéreas, não era utilizada sem prudência. (HAMPATÊ-BÂ, 1982, p.169, grifo do autor)

Há uma mágica na palavra, quando expressa produz movimento, tem, portanto o poder de modificar as situações, de construir outras realidades, veja o que diz Bâ:

Mao Ngala, como se ensina, depositou em Maa as três potencialidades do poder, do querer e do saber, contida nos vinte elementos dos quais ele foi composto. Mas todas essas forças, das quais é herdeiro, permanecem silenciadas dentro dele. Ficam em estado de repouso até o instante em que a fala venha colocá-las em movimento. (BÂ, 1982, p.172)

Assim, a palavra e o místico formam um todo, um movimento de transformações das realidades, e isso ver-se-á como se processa na escrita de Semedo em “No Fundo do Canto”, quando diante da eminência da guerra, e também no seu decorrer há vários elementos místicos com a finalidade de mudar a situação, a qual é concebida como *mufunesa* (azar, desgraça) e que por meio da palavra mágica poderão mudar o desenrolar da trama e de como o feminino tem

protagonismo nessas práticas. Agora, entendamos como o feminino se articula ao místico, mostrando qual o papel da mulher nessa relação cultural.

### 3.2 O Feminino

É necessário apresentar como se deu os primeiros escritos femininos na literatura da Guiné-Bissau, é importante remeter-se ao que já foi explicitado anteriormente, acerca das possibilidades de estudo em escolas regulares que só foi possível por volta dos anos de 1930 e de forma muito limitada, não era acessível a todos, junta-se a isso as características próprias da Guiné-Bissau, em que a oralidade é preponderante.

Semedo (2011) afirma que Marcelino Marques de Barros, foi o primeiro a transformar oralidade em escritos. E Leite (2014) expõe que, Barros, escreveu em 1990 a obra “Literatura dos Negros, contos, cantigas e parábolas”. E a primeira participação de mulheres na Antologia poética da Guiné-Bissau, deu-se com Domingas Samy, em que escreveu “Desejada paz”, “Filho de África”, “Recordação Demolido”, “Por que Choras mamã”, “Arde o coração”, e “A casa de todos nós”, e Eunice Borges, com o poema “Mulher da minha terra”, “o nosso soldado” e “Manta da minha terra”.

A ideia de nação comporta na Guiné-Bissau, várias etnias, as formas que se agrupam e seu modo de existência, por exemplo, os Fulas, os Mandigas, os Bijagós. E também os caminhos religiosos que tomaram, entremeados pelo Cristianismo, pelo Islamismo e as religiões locais. Com os intercâmbios culturais, provocados pela invasão dos colonizadores trouxe integrações em vários campos. Todavia, sem perder a essência do que é ser um bissau-guineense. É importante enfatizar que, as formas de sociabilidade são oriundas desses vários momentos na Guiné-Bissau, conforme apresenta Semedo (2011), sobre esse panorama histórico cultural.

Os movimentos de guerra, de comercialização, tanto de corpos como de mercadorias, além do estabelecimento local de portugueses nas cidades de Cacheu, Bolama, por exemplo, repercutem nas formas de oralidade que se expressou na tradição das *mandjuandadi*. Odete Semedo em sua tese de doutorado, detalha isso, e sobre como as cantigas das *mandjuandadi*, chamada de canção de dito trazem o cotidiano.

Assim, essas mulheres, vale ressaltar que, a origem dessas canções se dá com elas, que observavam, vivenciavam e que também sentiam esse movimento da história do seu país, e que os transformava em poesia cantada. Das vivências do cotidiano, por exemplo, da mulher que casava com português e continuava afastada da sociedade, eram chamadas de *tongoma*, elas tinham como consolo que a filha tomaria um lugar melhor o qual para ela não era possível.

Cantavam os sofrimentos amorosos, o poder do místico, como também para alegrar. Semedo apresenta alguns nomes de mulheres guerreiras que lutaram em guerras, que estavam na luta pela independência e de como o cotidiano da guerra foram cantados pelas mulheres (*mandjuandadi*) as quais amenizavam o que a guerra trazia de pior com as “canções de dito”.

“No Fundo do Canto” traz uma narrativa da guerra civil na Bissau de 1998 a 1999 a qual Odete Semedo vivenciou. Então o que ela apresenta são os sentimentos e lembranças da época vivenciada, transformado em poemas, o que denota na escrita um formato muito parecido com as canções de dito. O “Eu” lírico e a própria Semedo se entrelaçam como o que traz o experienciado. E nisso traz as diversas culturas que permeia seu país, os modos de sociabilidade, o místico, como preponderante, a mulher atrelada a esse místico, e suas atuações.

#### **4. Metodologia e análises**

Essa pesquisa é de abordagem qualitativa, porque trata-se de descrever e interpretar trechos dos poemas da obra “No Fundo do Canto” Comprendemos com Paiva:

A pesquisa qualitativa acontece no mundo real com o propósito de “compreender, descrever e, algumas vezes, explicar fenômenos sociais, a partir de seu interior, de diferentes formas” (FLICK, 2007, IX). Tais formas incluem análise de experiências individuais ou coletivas, de interações, de documentos (textos, imagens, filmes ou música), etc. Esse tipo de pesquisa também chamado de pesquisa interpretativa ou naturalística. (PAIVA, S.D, p.13).

O objetivo da pesquisa é descritivo- exploratório, pois descreve-se o fenômeno a partir dos poemas e depois interpreta-se com base nas teorias debatidas no enquadramento teórico. Gil (2007), caracteriza a pesquisa exploratória como capaz de possibilitar uma maior familiaridade com o pesquisador, e dá exemplos como o de levantamento bibliográfico, como também de análise que estimulem a compreensão. E acerca do objetivo descritivo, “Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos fenômenos de determinada realidade” (TRIVIÑOS, 1987, p.112), como por exemplo, a pesquisa documental.

Com relação aos procedimentos a pesquisa é documental. Quanto ao gênero é uma pesquisa prática. A pesquisa prática, segundo Paiva, “se caracteriza por intervir no contexto pesquisado se apoiando em conhecimentos científicos” (PAIVA, S.D, p.11). Sobre essas fontes de informação, é uma pesquisa primária porque “se baseia em dados coletados pelo próprio pesquisador[...]” (PAIVA, S.D, p.12).

##### **4.1 O corpus e os procedimentos de análise**

O corpus que faz parte dessa análise são os poemas da obra “No fundo do Canto” que apresentam a atuação feminina, em especial, as que estão vinculadas ao místico. Esse recorte se dá devido ao problema de pesquisa acerca do feminino na literatura. A escolha desta autora, desta obra e desses poemas se justifica pela importância que a literatura bissau-guineense tem na busca pelas identidades socioculturais. A escolha se justifica pela relevância da escritora na luta pelas igualdades na Guiné-Bissau. A cultura local tem excluído a mulher, poucas mulheres participam da vida política. A Semedo aparece como exemplo positivo para o feminismo na Guiné-Bissau, pois aparece como possibilidade de aberturas para o feminismo na literatura e também na atuação real das práticas sociais. A escolha deste material busca compreender o lugar da mulher na GB e na busca dos melhores caminhos para a luta pela igualdade e pela preservação das identidades. A seguir apresenta-se os procedimentos.

Dos 88 poemas que compõem a obra “No fundo do Canto ” identificou-se os poemas que trazem a atuação da mulher, sobretudo, atrelada ao místico. Depois escolheu-se os trechos ou enunciados que tratam da atuação da mulher, os quais marcou-se com negrito. Esses poemas receberam tratamento de acordo com a percepção de língua como identidade cultural, e de como a oratura feminina expressa nesses poemas.

## 4.2 Resultados e discussões

Nessa seção analisa-se os dados encontrados na obra “No Fundo do Canto”, dos 88 poemas foram encontrados nove (9) que tratam da mulher atrelada ao místico, a saber: (i) “E fez um poema sem palavras”, (ii) “A velha Mumoa manda a sua fala” (iii) “E então...” (iv) “Sons que se fizeram ouvir” (v) Tchilako na Tabanca (vi) “Invocando os Irans” (vii) “Tanta Súplica Evocou os Irans” (viii) “Bissau no banco dos réus” (ix) “Bissau toma a palavra”.

Augel (2005) apresenta a literatura da Guiné-Bissau a partir dos Estudos Culturais e coloca a questão da identidade nacional configurada a partir da identidade individual e coletiva que se expressa sobretudo nos artefatos culturais. Couto e Embaló (2010) estudam as narrativas orais tradicionais analisando o intraduzível e o cultural relacionando a oralidade e a literatura bissau-guineense. A partir disso analisa-se os trechos dos textos da obra “No Fundo do Canto”, de Odete Semedo, de como se configura a cultura nacional a partir do feminino místico nesses espaços. Augel também apresenta o cunho místico das sociedades africanas e precisamente da Guiné-Bissau, em que há o predomínio do animismo, há, portanto, as práticas sociais permeadas pelo poder sobrenatural, relacionando-os a natureza.

A autora explicita que os **irans** são figuras místicas muito importante na cultura desse país. Eles são conceituados de formas diferentes, por exemplo, Semedo os conceitua a partir da

cultura popular, como forças que podem castigar, mas que também podem ajudar. Porém, deteve-se acerca dos irans na perspectiva do feminino.

Augel postula como elementos simbólicos são apropriados, de como dão sentido ao universo cultural, por exemplo, como esses marcadores aparecem no texto apresentando sentidos, de como constroem realidades identitárias nacionais. Com isso, e tendo por base Semedo, percebeu-se a forte atuação das mulheres na Guiné-Bissau, tanto na luta, como nas representações culturais envolvidas no mítico. Observa-se o trecho abaixo:

### **E fez um poema sem palavras**

Numa manhã cinza com nuvens imitando gente chuva chorando ...

Quis fazer um poema, um poema raiz dos que marcam época **invocar as nharas e as sinharas ,chorar o prenúncio que marcou o meu povo denunciar o desequilíbrio.** (SEMEDO, 2007, p.31)

Consoante Semedo, no glossário do livro estudado, as [ *nharas* ] e as [ *sinharas* ] significa senhora, a primeira contrastando com a segunda, de forma pejorativa. Nesse excerto, podemos perceber que as participantes são evocadas, que elas são ligadas aos aspectos culturais do passado, e são para quem o Eu-lírico deseja desabafar.

No poema abaixo percebe-se a partir do título do poema que se trata de uma idosa que trará sua fala de sabedoria envolvendo diversos aspectos culturais. Desse modo, é imperativo mostrar o sentido de idade relacionado a sabedoria e respeito na maioria das tradições africanas. Timbane (2018) trata desses aspectos culturais, assim como Augel (2007), explicitando que a idade é um marcador cultural importantíssimo, há saberes vinculados a idade, portanto, os mais velhos têm funções muito específicas.

Inclusive, aqui no Brasil, o sociólogo brasileiro Reginaldo Prandi, em sua obra infanto-juvenil, sobre cultura afro-brasileira, “ Ifá, o advinho” exemplifica bem isso, quando põe em evidência os aspectos culturais da sabedoria dos mais velhos a partir do personagem “ifá”. Agora veja acerca da “Velha Mumoa”:

### **A velha Mumoa manda a sua fala**

**A velha Mumoa** que das coisas da vida parecia saber com os olhos na pobreza uma orelha no silêncio das matas e outra na *high society* quebrado pelo ruído babilônico do lugar comum e pelo zumbido do mundo ... Falou:

- Venham até mim

**Eu sou o caminho aberto as minhas portas cheirando a incenso e alecrim estão franqueadas...**

É o passo certo

Para o mundo recto

Não dou nada sem que em troca receba algo

Quem confiar nas suas forças e no seu jeito

Que se aproxime de mim e nada lhe faltará

Os fidalgos da economia são filhos meus

**À voz da velha seguiu-se uma grande ansiedade**

Movimentos

Corridas...

A feira virou mercado

O mercado virou mundo

Alguns perderam- se na imensidão no calor da multidão

**A voz da velha continuou a chamar: - venham até mim**

**Eu sou a visão ou a evasão?**

Eu sou o futuro

Ou um simples monturo?

Na sua nobre cadeira a velha mexeu- se

E voltou a mexer- se

Algo a perturbava

A canseira

A pobreza

A escuridão

Os desvios de procedimentos

**A velha Mumoa calou – se**

Quedou- se pensativa

E como sempre

Nobre e altiva

Pedi silêncio

À multidão :

Um distinto cidadão aproxima- se...

Eram passos de alguém de muito peso

Um gigante talvez

e vinha incisivo

Escutemos (SEMEDO, 2007, p.40)

Interliga-se o poder da sabedoria feminina a idade, e ao seu poder de mudar destinos. Quanto aos marcadores culturais que fazem parte do universo dessa mulher, por exemplo, as escolhas de [alecrim] e [incenso] utilizados em certos rituais relacionados ao sobrenatural. Junta-se a isso ao que alguns estudiosos comentam sobre o significado de Mumoa relacionando- a sigla UEMOA. Augel afirma que, com a “adoção do Franco da Comunidade Financeira da África, conhecido como Franco CFA, como moeda corrente”. (AUGEL,2005, p.67). E isso ficou denominado como União Económica e Monetária da África Ocidente- UEMOA. Isso gerou uma série de descontentamento local, de dúvidas, principalmente porque a moeda local ficou desvalorizada. Além disso, é perceptível, o que é atribuído a ela, para além do que já foi dito, a personificação do mercado, dessa UEMOA, que não é evidente, gera dúvidas. Note esses traços de poder e incerteza que permeia essa “senhora”:

**E então...**

Todos de olhos postos na velha Mumoa com ansiedade à espera de um dia novo interrogação entre si

Como caminhar no escuro

Como dar o que não se tem

Como ter o que não se construiu [...]

( SEMEDO, 2007,p. 43)

Nesse próximo poema evidencia-se o fazer das *mandjuandadi*. Das práticas culturais de cantar a vida, seja nos seus bons ou maus momentos. Semedo (2011) se debruça em sua pesquisa de doutorado sobre a atuação delas. Explica sobre o que são as canções de dito. De como se traz para essas cantigas, aspectos das culturas da Guiné-Bissau, inclusive, a própria elaboração dessa obra analisada é uma forma de expressão das canções de dito. E em meio ao vendaval porque passa Semedo e os seus, no contexto da guerra civil, ela produz através desse “Eu” -límpico que busca na memória os momentos agradáveis vivenciado pelas *mandjuandadi* através das canções:

#### **SONS QUE SE FIZERAM OUVIR**

Pum- tun... tu – tun  
 Tun- tun... bum- bum...  
 FFSS...ffsssssss BUMm...!  
 Não são sons do pilão  
 Nem sons de tina e cabaça  
 À espera de palmos  
 Para responder às cantigas  
 De mandjuandadi ( p. 47)

Percebe- se como ocorre o uso dos sons de elementos culturais do cotidiano, como o [pilão], [tina], [cabaça], juntando-se as batidas das palmas dessas mulheres para produzir as canções, e que, portanto, essa tem o dom de alegrar, pois lamenta-se que os sons que se ouvem não são estes. Isso remete também a importância que se dá a esses fazeres, e a constância com que ocorre, pois aparece na construção léxico-semântica como algo que ocorre normalmente. No poema abaixo, complementa-se ao que Semedo ( 2007) coloca em evidência, que são as mulheres que se lançam à arte de cantar as sociabilidades, o cotidiano, e nesse poema recorre-se a metaforização, quando compara as *mandjuas* ao cantar do pássaro Tchilako:

#### **Tchilako na Tabanca**

Puxa- me estou a pedir uma corda  
 Boca de Tchilako  
 Lá vem ela bamboleando pedinte de meia tigela  
**Mandjuas** já te haviam cantado  
 Vem com calma  
 Não corras tanto  
 O que for para ti  
 Deus é seu guarda  
 (SEMEDO,2007 p.52)

Essa pessoa que se coloca em destaque, é comparada ao pássaro [ Tchilako] que canta as boas novas, pede por melhorias, indica a vinda das chuvas, na [tabanca], que pode ser povoado, ou casa, e esses fenômenos culturais são cantados pelas *mandjuandadi* ,e o modo como se configura o léxico produzem informações das representações culturais do país em estudo através de mulheres que tem o dom de anunciá-las de dar visibilidades a isso.

Os irans permeiam toda a obra, são evocados para acabar com a “desgraça” que assola Guiné-Bissau, então há várias reuniões, cada um tem seu totem, um significado atrelado aos animais, há predominância de onças, jibóias. Todos pertencem a uma linhagem, protege determinadas famílias, existe um laço muito forte entre os vivos e os mortos, e a atuação desses seres sobrenaturais como capazes de operar mudanças, na verdade, reger a vida dos seres humanos, essas crenças, segundo Augel (2007) são muito fortes em Guiné- Bissau, e por isso observa-se a força que tomam na obra de Semedo. Entretanto, Semedo, especifica o feminino de alguns desses irans, analisa-se abaixo:

#### **Invocando os Irans**

Tanto desespero tanta súplica e evocação para dar em nada

Será provação

Praga

Ou promessa não paga?

Onde estarão os defuntos

Da nossa djorson

Nossos titãs

Onde se terão escondido **asalmas e irans**

De **Kombiana** e de **Forombol**

**Protetores de mulheres e crianças**

Nossas crenças

Estarão envergonhados?

Cegos

Impotentes

Ou bêbados?

Com devoção todos juntaram as suas vozes numa invocação (SEMEDO, 2007, p.83)

Nessa invocação dos irans, o eu-lírico apresenta as irans que protegem as crianças e as mulheres, [Forombal], por exemplo, pertence a floresta, e está ligada a fertilidade, por isso recorre-se a elas para proteção de mulheres e crianças. Nesse poema, as [Katanderas], que são as auxiliares das sacerdotisas que servem nas *balobas* farão parte da reunião para decidir os rumos do país, “**Tanta Súplica Evocou os Irans** “As sete djorson de Bissau estarão presentes as almas das Katanderas estarão presentes” (SEMEDO, 2007, p.87). Mais uma vez apresenta como os elementos místicos são participantes de todos os âmbitos da sociedade guineense, e além disso, a mulher como portadora de poderes mágicos, que se posiciona em questões importantes para o seu povo. O que se nota é que as mulheres estão em vários espaços de poder, nessa composição poética, os objetos culturais, o material e imaterial que tomam sentido a partir do movimento dessas mulheres.

Alguns dos marcadores muito utilizados por Semedo é a imagem da grávida, como observa-se no poema abaixo. Essa grávida traz os filhos ao mundo que tomarão rumos diferentes, inclusive fazendo parte do espaço dos irans, os quais irão proteger a linhagens de Guiné-Bissau, essa também que é vinculada a ideia de mãe de todos. É possível que essa grávida

seja a própria Bissau, com a multiplicidade de filhos, com maneiras de ser bem diferente.

Observe:

**Bissau no banco dos réus**

**Da barriga duma parida**

Saem filhos

Corre em cada um o mesmo sangue

Pecadores defuntos

As almas ou serpentes

Todos eles diferentes

No tamanho

No sentir

E no contar as coisas da vida

São como os cinco dedos de uma mão

**Os defuntos as almas e os irans**

**Protectores das djorson da Guiné [...]** (SEMEDO, 2007, p.98)

A Bissau é a grande matriarca, a que engravida e a que pariu vários seres, que sofre com os desentendimentos entre os filhos, os quais produzem “desgraça” tanto no que concerne a vida, como o que dá sentido a vida, principalmente, quando observa os marcos das identidades culturais indo junto com a destruição da guerra provocada pelos filhos da terra. Ativa, portanto, os seres mágicos, que movimentam, que têm a capacidade de mudar o rumo da tragédia, e para isso busca, sobretudo, no feminino, a porta que transcende a realidade e provoca outras situações mais agradáveis tanto a partir do cultural, através das *mandjuandadi*, como das sobrenaturais, as irans que podem mudar a vida das mulheres e das crianças.

Voltando ao primeiro momento dos poemas em que vem a figura da mulher, sendo a idosa, a sábia, agora ao fechamento da reunião com os irans e as irans, para as decisões finais sobre os rumos do país recorre-se a mais velha para participar, trazer sua sabedoria. Isso remete mais uma vez ao valor que se tem aos mais velhos. De como as mulheres mais velhas são importantes para compartilhar com o seu povo a sabedoria adquirida com os anos. E são elas, novamente, assim como a velha Mumoa que têm a palavra norteadora, que com inteligência pensa-se o rumo do seu país.

Bissau invoca a Guiné

**... chama a mais velha**

Que se junte à nós

Muitos não foram lembrados, mas vieram

Vieram saciar os seus olhos

Fartar os seus ouvidos

Deixar as nossas línguas

Baterem palmas (SEMEDO, 2007, p.99)

E por fim nesse último poema que apresenta a atuação da mulher, traz uma representação do espaço geográfico de Bissau e junto a isso a *Forombal*, floresta protegida

pelas irans da fertilidade. Pode-se denominar deusas, as que podem criar, que podem moldar a natureza, engrandecê-la e protegê-la, em comparação ao feminino, como podem fazer germinar, como também tem a responsabilidade dos ciclos iniciais e finais da vida, assim essas funções se interceptam e holisticamente possibilitam novas formas de vivências entre o real e o sobrenatural, entre as mulheres, divindades femininas e a natureza.

**Bissau toma a palavra**

[...]Cacheu rio  
 Cacheu cidade  
 Cacheu de Forombal e Kobiana  
 Salgado  
 Rabugento  
 Ondas esbofeteando baluarte  
 Ecos matando  
 Com arte a cidade velha[...] (p.103)

Na obra de Semedo observa-se o respeito pela natureza, pelas tradições e pela cultura e a ênfase ao poder feminino nas práticas culturais. Uma vez que as obras literárias se baseiam na *oratura*, nota-se um respeito da autora com relação ao imaginário. Semedo não consegue se distanciar do real, do tradicional, do místico e, sobretudo das práticas que caracterizam o seu ser. Aqui entra em jogo também a educação que é o fundamento das práticas culturais. A criança desde pequena aprende como deve se comportar perante a família e perante a sociedade. Estas marcas socioculturais acompanham a arte literária e a busca permanente da identidade. Portanto, é importantíssimo o entendimento a partir da arte literária de como o feminino deve ter seu espaço na sociedade da Guiné-Bissau.

Desta feita, as poesias selecionadas para a presente pesquisa elucidam a profundidade do valor que a cultura tem perante uma determinada sociedade. Fecha-se estes argumentos refletindo que a obra de Semedo seria material importante nas escolas brasileiras, especialmente na implementação da Lei nº 10.639/2003, que versa sobre a relevância do estudo da História, da Literatura e da Cultura Africana e Afro-brasileira. O estudo desta literatura “resgata” a diáspora negra e liga a cultura dos seus ancestrais (SILVA, CARDOSO, 2019). Sobretudo, com o enfoque para o feminino, para que se produza mais significações em torno da mulher, e que a literatura seja este instrumento de veiculação de novos espaços para as mulheres, o feminino, de modo que sejam vistas e compreendidas em simetria com os demais sujeitos históricos. As pesquisas e a educação nesse itinerário possibilitarão espaços justos para as mulheres. E por fim, após as análises caminha-se para a conclusão.

**Conclusão**

A preservação da identidade cultural é um fator de resistência frente a colonialidade, conforme Augel (2005). E a língua é um meio importantíssimo para que se traga identificações, para que se crie sentidos peculiares nas realidades de determinados locais, e assim possibilite um sentimento de pertencimento. Pensarmos a língua como instrumento de poder é primordial para que pensemos o modo pelo qual ela é utilizada em diversas situações históricas a serviço de quem detém poder.

Com isso percebe-se que Semedo, ao construir sua poesia, ela preza por significar por meio da palavra as vivências em Guiné-Bissau em crioulo. Ela traz os participantes na composição poética, através do feminino em que configuram o poder através de figuras místicas femininas que tem o poder de mudar situações. E mesmo o feminino que não está ligado a divindades aparece em um lugar de poder, de posicionamento e apresentando as culturas de Guiné-Bissau, no caso específico da obra em estudo, as *mandjuandadi* que cantam as histórias do país, do cotidiano, que envolto a elas existe, o som, o ritmo, a expressividade, para representar diversos momentos da vida.

Assim, ressalta-se que a obra “No Fundo do Canto” mesmo em face de ter como contexto a guerra civil de 1998 a 1999, ela se preocupa em mostrar as identidades culturais, de colocar em ênfase o poder feminino atrelado ao místico como capaz de mudar a situação, além das *mandjuandadi*, as que cantam e encantam até mesmo nos dias mais tenebrosos.

Ademais, o léxico é muito rico em apresentar em crioulo essas práticas que não poderiam ser apresentadas em outra língua. O aspecto linguístico é fundamental na obra de Semedo, especialmente o uso do *kriol*, assim como o jogo de palavras de efeito: “falei de homem-bicho” / outros falaram de bicho-homem”. O jogo de palavras não é apenas do imaginário, mas também dá enfoque ao real e é por isso que cita países africanos, cita fenômenos, cita manifestações culturais, cita objetivos e atitudes reais do seu povo. Conclui-se que os objetivos previstos para a presente pesquisa foram alcançados. Foi possível identificar na obra a presença feminina principalmente atrelada ao místico, de forma a remeter o poder feminino, como também demonstrar características culturais de Guiné-Bissau, tendo a língua como propiciadora de formações léxico-semânticos que remetem as culturas do país narradas em outra língua.

## Referências

AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escombros: a literatura guineense e a Narração da nação**. 2005. 387 p. (Tese). Doutorado em Literatura Portuguesa, na especialidade das

Literaturas Africanas de Língua Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

COUTO, Hildo Honório do; EMBALO, Filomena. **Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau: um país da CPLP**. Brasília: Editora Thesaurus, nº20, 2010.

DEUS, Paula Lilian Serra; CARVALHO, Wellington Marçal de. A literatura em Guiné- Bissau. **LiterÁfricas**.2021. Disponível em: [www.lettras.ufmg.br/LiterÁfricas/literaturada guiné-bissau](http://www.lettras.ufmg.br/LiterÁfricas/literaturada%20guin%C3%A9-bissau). Acesso em 31 de Jan. de 2022.

FERREIRA, Manuel. A Aventura moderna do português em África. **Discursos**, Vol. 9- p.139-153, 1995.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Thomaz Tadeu da Silva, Guraciara Lopes Louro.11. Rio de Janeiro.Ed. DP e A. 2006.

HAMPATÊ-BÂ. Tradição Viva. In: KI- ZERBO, Joseph (Coord.). **História Geral da África**. S. Paulo: Ática; Paris: UNESCO, V. I. Metodologia e pré-história da África. 1982.

INTIPE, Bernardo Alexandre; TIMBANE, Alexandre António. O Papel do Kriol nas Narrativas Guineenses: Aspectos Sócio- Históricos. **Revista Coralina**. Cidade de Goiás, vol. 1, n. 2, p. 36-46, jul./2019

LEITE, Joaquim Eduardo Bessa da Costa. (Tese) Doutorado em Letras, área de Línguas e Literaturas Modernas, especialidade de Literaturas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.

MALDONADO-TORRES,N. **On the coloniality of being: contributions to the development of a concept**. Cultural Studies, 21, 2007,p.240-270

MANUEL, Cátia; TIMBANE, Alexandre António. O crioulo da guiné-bissau é uma língua de base portuguesa? embate sobre os conceitos. **Revista de Letras JUÇARA**, Caxias, Maranhão, v. 02, n. 02, p. 107 – 126, dez. 2018.

MEY, L. Jacob. SIGNORINI, Inês (Org.). **Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado** - Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP,1998, p 7-89

NAMONE, Dabana; TIMBANE, Alexandre Antonio. Tensão entre escrita e oralidade no ensino-aprendizagem do português na etnia balanta brassa (Tombali) da Guiné Bissau. **Revista Entre parênteses**. Alfenas- MG.V.1, nº7, s.p., p. 2018.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de Pesquisa em Estudos Linguísticos**. São Paulo. Parábola, S-D.

PRANDI, Reginaldo. Ilustrador Pedro Rafael. **Ifá, o Adivinho**. São Paulo. Companhia das Letrinhas,2002.

SANTOS, Gersiney. Linguagem e Decolonialidade: Discursos E (M)Resistência na Trilha da Aquilombagem Crítica. In: RESENDE, Viviane de Melo. (org.). **Decolonizar os estudos críticos do discurso**. Campinas, SP: Pnotes Editores,2019.

SANTOS, Ivonete da Silva; TIMBANE, Alexandre António. **A identidade linguística brasileira e portuguesa: duas pátrias, uma mesma língua**. Curitiba: Appris, 2020.

SEMEDO, Odete Costa. **No Fundo do Canto**. Belo Horizonte: Nandyala,2007.

SEMEDO, Odete Costa. **Guiné- Bissau: história, culturas, sociedade e literatura**. Belo Horizonte: Nadyala, 2010.

SILVA, Elen Karla Sousa da.; CARDOSO, Sebastião Marques. Conceição Evaristo: da mulher negra à escritora. **Afro-Ásia**, vol.59, p. 77-101, 2019.

SILVA, Elen Karla Sousa da.; CONTE, Daniel. O vaivém das memórias em olhos d'água, de Conceição Evaristo. **Fólio-Revista de Letras**. Vitória da Conquista. Vol.11, nº2, p.423-434. jul./dez.2019.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva.**Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas, 1987

VICENTE, José Gil; TIMBANE, Alexandre António. Políticas públicas e linguísticas: estratégias e desafios no combate às desigualdades sociais em Moçambique. **Revista Brasileira de Estudos Africanos**.vol.2, nº4, p.114-140, jul./dez.2017.